

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo* Class.: 30

Data: *edi. fevereiro de 1973* Pg.: _____

Desiludidos, Villas Boas voltam para casa

Cansados, depois de trinta anos de vida na selva, e desiludidos com o resultado prático desse trabalho, os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas tomaram uma decisão: eles vão deixar a Funai e voltar para São Paulo, encerrando uma carreira que se tornou lendária, marcada por sua contribuição à causa do índio brasileiro.

O contato com os índios gigantes foi a última missão dos Villas Boas

nas selvas. Eles haviam resolvido isso há quatro meses, mas preferiram manter a decisão em segredo, para que o seu trabalho às margens do rio Peixoto de Azevedo não fosse prejudicado. Agora que a expedição antigou o objetivo, Orlando e Cláudio preparam a volta para casa, com um desabafo: "Deixamos a vida de sertanista porque nos convencemos de que cada vez que contactamos com uma tribo, estamos con-

tribuindo para a destruição do que ela tem de mais puro".

Até agora, os irmãos Villas Boas lutaram para evitar que a cultura indígena fosse esmagada pela civilização do branco. Eles defendem a aculturação lenta dos silvícolas dentro de princípios humanos. Mas agora eles deixam a selva, dizendo que nunca tiveram nenhuma recompensa por isso.



A grande luta inglória

O contato com os índios gigantes era uma questão de honra para os irmãos sertanistas: "Estamos chefiando esta expedição — afirmaram — para evitar que os Kranhacarões sejam vitimados durante algum conflito com os trabalhadores civilizados. Depois, vamos nos aposentar. Na realidade, nunca atingimos nossos verdadeiros objetivos. Todos os índios pacificados vão perdendo, aos poucos, suas características, sua autenticidade, e tendo sua cultura corrompida em contato com os civilizados. Pacificados, deixarão de ser livres, de perpetuar sua cultura. Aos poucos, perderão seus costumes e abandonarão sua arte. Porque, mesmo que permaneçam em seu "habitat" natural, sofrerão a pressão constante do civilizado. É uma pena!"

"No Brasil — continuam — ainda não existe uma política indigenista capaz de manter o índio pacificado e ao mesmo tempo isolado do contato com os brancos. E isso resulta na corrupção de seus costumes, no desvirtuamento de sua raça. Mas na-

da podemos fazer para evitar isso".

ADEUS À SELVA

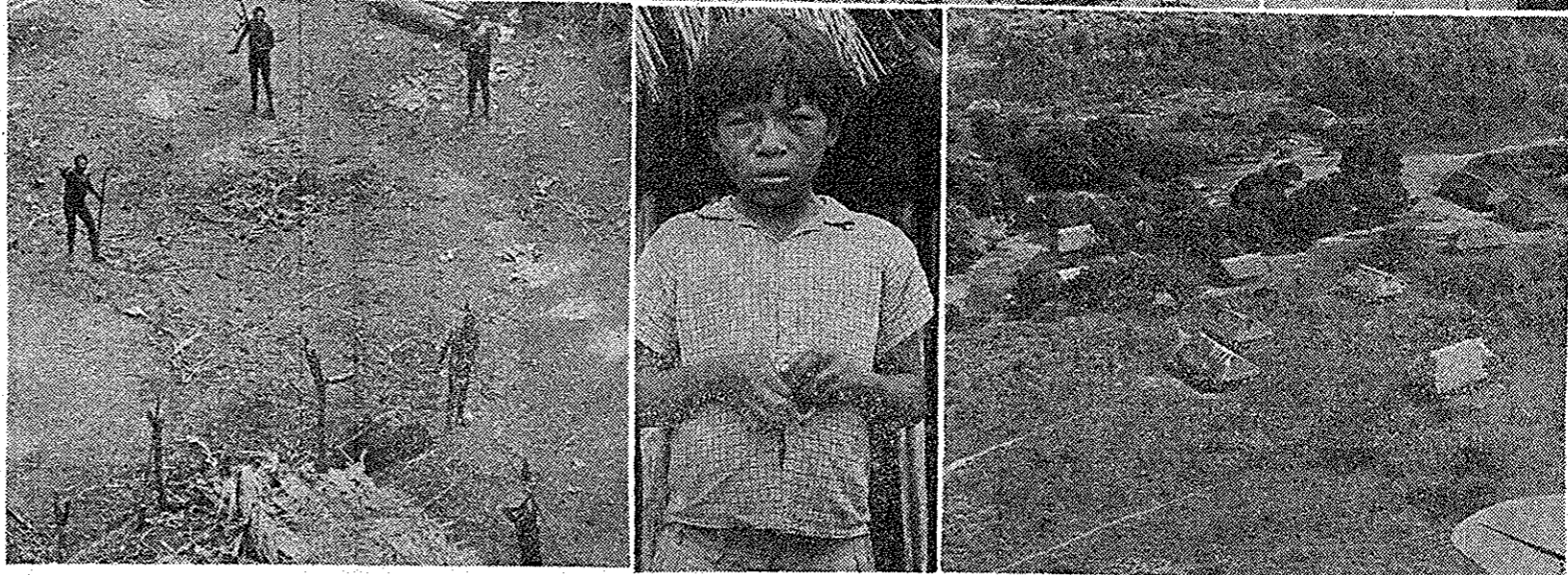
Estabelecido o contato com os índios gigantes, os irmãos Villas Boas anunciam seus planos para o futuro. Orlando pretende viver tranquilo em São Paulo, com sua mulher, Marina, e seu único filho, Orlandinho. Cláudio também virá para a Capital paulista, onde tem um filho adotivo, de raça indígena, com quem viverá num apartamento. "Achamos que depois de viver trinta anos na selva — declaram — temos agora o direito de descansar um pouco". Depois de abandonar a Funai, Orlando deseja apenas ficar ao lado de sua mulher e de seu filho e Cláudio, manifestando um desejo antigo, sonha em continuar lendo Kant e beber água prata, sem ser molestado pelos mosquitos da selva amazônica.

O que eles mais sentem ao sair da Funai, segundo confessaram, é abandonar os índios. Sempre que se sentiam ameaçados, os índios recorriam aos irmãos Vilas

Boas, a quem costumaram chamar de "papai Cláudio" e "papai Orlando". E sempre que se comentava a possibilidade de os sertanistas deixarem a selva, para viver na cidade, eles afirmavam que "papai Cláudio e papai Orlando sempre ficam do nosso lado. Eles nunca irão embora".

NOBEL

Em 1971 o nome dos irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas foi proposto pela Sociedade dos Povos Primitivos, de Londres, para o Prêmio Nobel da Paz, pelo trabalho que desenvolveram, no Brasil, pela pacificação dos índios. A ideia do lançamento da candidatura surgiu do sertanista britânico Adrian Cowell, que em 1969 esteve no Xingu, realizando um filme sobre as atividades dos dois irmãos. A indicação fora apoiada pela Escola de Medicina de São Paulo, que enviara carta à Real Academia Sueca. Um ano antes, o nome de Cláudio tinha sido sugerido, com apoio da Funai, na pessoa do seu presidente, general Bandeira de Mello.



Orlando e Cláudio Villas Boas: mais de trinta anos de lutas contra todo tipo de dificuldades, por amor ao índio

Uma vida inteira em defesa dos indígenas

Do Serviço Especial

Há alguns meses, Cláudio Villas Boas já vinha avisando: "No dia em que nós estabelecermos o primeiro contato com os Kranhacarões e que deverá também ser o último na minha carreira e na de Orlando, nesse dia, a tristeza será maior do que a satisfação de ver a missão cumprida".

Nessa afirmação, bem como em quase todos os pronunciamentos dos dois irmãos, surge sempre o ceticismo e a visão negativa da integração do índio na comunidade branca. Mas então, por que eles levaram até o fim a contactação com os índios gigantes? Por que lutaram para dar-lhes a imagem de que o branco é seu amigo, quando eles próprios já não acreditam nessa amizade?

Os irmãos Villas Boas têm plena consciência dessa contradição. Mas respondem a ela com um raciocínio simples: enquanto puderam lutar para amenizar o conflito entre a civilização indígena e a branca, fizeram-no com todas as forças. Porque eles tinham

certeza de que sem o seu trabalho, o Parque Nacional do Xingu, por exemplo, já teria sido destruído por colonizadores brancos, ávidos de caça e de terras. Orlando já teve inclusive que lutar pessoalmente no parque para que isso não ocorresse.

RESERVA

Agora, com os índios gigantes, o processo seria o mesmo, com uma agravante. O seu território é cortado pelo traçado da rodovia Cuiabá-Santarém que levará a curto prazo para a região grande número de empresas agrícolas e de aventureiros. Os Villas Boas, prevenindo os conflitos, já solicitaram que o território dos Kranhacarões seja interditado e declarado como uma espécie de reserva.

Os dois irmãos agora abandonam o terreno, porque as forças estão chegando ao fim. Cláudio com 53 anos e Orlando com 55 já têm quase 30 anos de selva. Orlando é o que está em piores condições físicas: praticamente cego de um olho — o outro já foi operado de catarata — ele já teve também quase 180 acessos de malária.

Da luta dos dois irmãos, ficarão apenas as ideias que eles, muito provavelmente, continuarão propagando. Ideias que sempre se destacaram pela precisão e clareza: "Os índios — por exemplo, como diz Orlando — não são povos primitivos, são povos de cultura paralela. Daí porque não há sentido em se falar em pacificação".

"É claro — diz ele — que mais cedo ou mais tarde esses índios serão absorvidos pela nossa sociedade. Mas quanto mais nós retardarmos a integração, mais há possibilidade de os salvarmos como povo. Sem essa preocupação, acontece uma transição brusca que descaracteriza completamente a cultura indígena. O exemplo são os índios do nosso litoral que hoje têm uma posição dentro da sociedade branca em condições inferiores até ao caçava. E o caçava ocupa o último degrau na economia brasileira".

"ÍNDIO NÃO É ANIMAL"

A identidade nesse sentido é perfeita entre os dois irmãos. "Índio não é animal que deve ser perseguido e caçado. É um ser humano e a diferença principal entre ele e o civilizado é que o índio ainda não se corrompeu".

Orlando exemplifica isso dizendo que o estagio cultural do indígena lhe permite ser muito mais equilibrado do que nós. "É difícil fazer um paralelo entre as duas culturas, mas se nós compararmos o estagio do indígena e o do caboclo, a gente leva um susto, porque o índio é muito mais equilibrado, mais estavel".

COMO SÃO

Cláudio, um homem que gosta não só da tranquilidade da selva, mas também de Stravinsky, Beethoven, Kant, Santo Agostinho, Freud, Marx e um apartamento em São Paulo (Kichehete) que vai deixar para o filho de uma índia trumai com um caiaibi que ele adotou. O menino chama-se Tauarru Villas Boas.

Orlando é casado há três anos com uma enfermeira do Parque Nacional do Xingu, com quem já tem um filho — Orlando Villas Boas, "Vilinha". Moram num apartamento na rua Augusta, em São Paulo. Como diretor do Parque, Orlando ganha da Funai 2.800 cruzeiros. Cláudio, agora com uma complementação por ajudar na abertura da Cuiabá-Santarém, recebe quase três mil cruzeiros.

Pivô da chacina depõe e é solto

Da Sucursal de BRASÍLIA

Celso Moreira Maia, o transportador de mercadorias de uma das empreiteiras do desmatamento da área da rodovia Manaus-Caracará, acusado pela Funai como responsável pelo ataque dos atroaris ao posto de Alalão, foi defidido para interrogatório pela Polícia Federal.

Negando todos os fatos revelados pelo sobrevivente Luis Duarte, Celso afirmou ser amigo dos índios e atribui às atividades das vítimas as causas da chacina.

Em sua defesa, Celso citou seis testemunhas que poderão depor em seu favor. afirmou que quando esteve em Alalão não houve nenhum ataque e não chegou a participar de qualquer fato. Disse ser amigo dos silvícolas pois eles, chegaram mesmo a colaborar no carregamento de mantimentos.

As declarações de Luis Duarte, entretanto, apontam Celso como o responsável pela cha-

cina. O único sobrevivente afirma que o ataque dos atroaris foi provocado pelo desrespeito do mateiro para com os índios, quando ofendeu-os com gestos obscenos.

Enquanto Celso Moreira Maia continua em liberdade na capital amazônica, a Delegacia da Funai aguarda, ainda, o helicóptero prometido pelo brigadeiro Camarão, a fim de resgatar os despojos de Altamir Cardoso de Aguiar, Rafael Fonseca Padilha e Ernesto Nascimento de Aguiar.

O sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa, que sobreviveu o local onde se deu o ataque, disse que tudo está bem e sem qualquer sinal inquietante ou presença de índios nas imediações. Uma flexa com suas penas brancas de ave, cruzadas, foi o primeiro sinal encontrado por Gilberto de que os atroaris querem paz.

Para o general Antonio Coutinho, delegado da Funai em Manaus, "os índios viverão agora em paz, uma paz que eles interromperam para caçar o homem que feriu os seus brãos".